O sistema de comunicação em rede da arte contemporânea: as inserções de Violeta Franco na arte e cultura paranaense[1]

Adalgisa Aparecida de Oliveira Gonçalves[2]
Maria Gabriela Tosin[3]
Pontifícia Universidade Católica do Paraná – PUCPR, Curitiba, PR

Resumo

Maria Violeta Franco de Carvalho, artista paranaense. Após cursar pintura com Guido Viaro, Violeta cursou gravura com Poty Lazarotto e então seu espírito de renovação surge e funda a "Garaginha", local onde se discutia sobre a nova arte europeia e a arte vigente no Paraná, a arte acadêmica. O objetivo deste trabalho é investigar a contemporaneidade da arte de Violeta Franco, partindo de um sistema de arte moderna para compreender o sistema de arte contemporânea, ligada ao regime da folkcomunicação. Violeta Franco foi uma importante e influente artista paranaense, suas obras em suas várias fases transmitem características modernas e contemporâneas, expressas por um gestual livre e uma grande quantidade de cores.

Palavras-chave: Violeta Franco; embreante; cultura; arte contemporânea.

Introdução

Maria Violeta Franco de Carvalho nasceu no dia 21 de fevereiro de 1931, uma menina que gostava de teatro, mas seu avô a matriculou no curso de pintura com o mestre Guido Viaro. No começo, Violeta não se interessava muito pelas artes plásticas, o curso era mais uma ocupação. Porém, com o passar do tempo, as intenções de Violeta com as artes plásticas foram muito mais sérias. Após cursar pintura com Guido Viaro, Violeta cursou gravura com Poty Lazarotto e então seu espírito de renovação começa a surgir e é quando funda a "Garaginha" – recebeu esse nome porque o local era a garagem da casa dos seus avós –, local onde se discutia sobre a nova arte europeia e a arte vigente no Paraná, a arte acadêmica.

Cauquelin (2005) nos ajuda a compreender o processo vivido por Violeta, porque ela parte de um sistema de arte moderna para chegar ao sistema de arte

[1] Trabalho apresentado no GP Comunicação e Desenvolvimento Regional e Local, da Divisão Temática 7 Comunicação, Espaço e Cidadania, evento componente do 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

[2] Professora Doutora pesquisadora da Escola de Comunicação e Artes, da PUCPR, e-mail: adalgisa.oliveira@pucpr.br.

[3] Relações Públicas e pesquisadora, e-mail: maaria_mamari@hotmail.com

contemporânea, ligada ao regime da comunicação. Ela define a arte moderna como consequência da sociedade de consumo e da indústria moderna que aumentou o número de intermediários, isto é, dos encarregados pela propaganda, pela provocação à compra e pela incitação ao consumo, assim como o produtor de arte, o intermediário e o comprador.

Porém, todos esses elementos ligados ao consumo foram sacudidos pelas novas comunicações e relacionamento com as artes, surgindo assim a arte contemporânea que, como fenômeno cultural carregado de complexidade, extravasa, escapa, foge, cria e recria possibilidades. No seu tempo, foi isso que Violeta fez, a despeito de quaisquer críticas.

Segundo Cauquelin (2005), passar a arte para o nível da comunicação significa ter uma arte aberta a criações diversas, com maior interação com o público, uma arte desvinculada de quaisquer preconceitos ou dinâmicas preestabelecidas.

Ensejamos confirmar a abertura dessa artista a uma arte que escapa aos convencionalismos, uma arte que se faz a partir de uma nova sensibilidade estética, uma arte que extrapola os muros das verdades absolutas e muda a forma do povo viver a cultura e ver a arte paranaense. Além disso, queremos contribuir para que esta artista e suas obras se tornem conhecidas dos paranaenses.

As inserções de Violeta Franco

Maria Violeta Franco de Carvalho foi quem apresentou a arte moderna europeia para os artistas paranaenses e, consequentemente, para o Paraná, por meio da criação do primeiro núcleo "rebelde" chamado "A Garaginha". Ela trouxe um novo olhar para os artistas paranaenses, não mais voltado para uma arte regional, mas sim para uma arte inovadora e universal. Apesar de Violeta, com seu espirito renovador, ter revolucionado a arte Paranaense, naquela época a artista não foi bem compreendida por todas, pois suas atitudes visavam a revolucionar e retirar de Curitiba a característica de cidade fechada e antipática. Devido a essa falta de compreensão, Violeta decide ir para São Paulo, cidade onde era vista como criativa e única entre os artistas, ali ela teve o reconhecimento merecido que Curitiba não havia lhe dado.

Apesar dos esforços envidados, Violeta não consegue se desvencilhar do processo de consumo que envolve a arte moderna, como assinala Cauquellin (2005),

visto que ela mesma tem de confiar suas obras à famosa galerista curitibana na época, chamada Zilda Fraletti, para a negociação de seus quadros. Isso contrastava enormemente com o desejo de Violeta, porque seu foco principal não era a venda, mas sim seduzir as pessoas através de seus quadros, tanto que seu filho relatou que quando ela mostrava um quadro seu a alguém e este apresentasse interesse ela já o presenteava imediatamente.

Violeta teve várias fases claramente divididas nas características de seus quadros, influências cubistas, expressionistas, abstracionistas e uma pintura totalmente gestual. Como salienta o filho da artista, Samuel Franco, sobre a sua fase mais produtiva, foi aí que ela teve visibilidade pública, combinando formas geométricas com muita cor e textura. Pode-se observar que é uma obra feita para quem está vendo, não é uma obra simplesmente para se expressar, mas também para encantar o expectador e seduzi-lo em um universo de estranhamento. A partir dessa percepção sobre os quadros da artista, conseguimos destacar a contemporaneidade de suas obras, isto é, uma arte feita para comunicar, como salienta Cauquelin (2005), uma pintura se mostra muito mais comunicativa que em seus outros movimentos, com obras cheias de códigos e pouca linguagem dando mais importância para a dispersão do que para a estrutura. A pintura, na arte contemporânea, tem como característica a síntese, privilegiando a essência dos sentimentos e da forma.

Violeta Franco, além de revolucionária nas artes, mostra também sua importância na construção de um saber artístico cultural, sua vontade de ensinar e levar arte para todas as idades era admirável, segundo nossos entrevistados. Violeta foi muito esforçada e uma artista que dedicou sua vida à arte, em meio a dificuldades financeiras e trabalhos paralelos, merece o reconhecimento pela evolução da arte e sua permanência não só no Paraná, mas com reflexos em todo o Brasil.

A ideologia dominante nas artes no Paraná em 1940 era a arte denominada acadêmica. Segundo Proença (2004), para a arte acadêmica ou neoclássica a beleza perfeita é um conceito ideal e que não existe na natureza, portanto, o artista não deve imitar a realidade, mas deve tentar criar a beleza ideal por meio das imitações dos clássicos renascentistas. O artista seguia rígidos princípios para o desenho, o uso das cores e a escolha dos temas, sendo eles mitológicos, religiosos ou históricos. Segundo o crítico de arte Fernando Bini, “os professores da escola faziam todos os alunos estudar em cima de modelos pré-determinados” (Entrevista, 2014). Bini critica o modelo

acadêmico e questiona um fato importante sobre modelos pré-determinados, por exemplo, pergunta ele: "Você viu que naquela época quase não tinha negro na pintura brasileira? O negro faz parte da nossa cultura e por que ele não aparece na pintura? Porque não tinha formulário de cor para a pele negra".

Foi a jovem Violeta Franco com seus colegas que estudaram com Poty Lazarotto e Guido Viaro que se preocuparam e se incomodaram com esses rígidos princípios da arte acadêmica. Com espírito de renovação e de reação à arte acadêmica, Violeta cria a "Garaginha", o primeiro núcleo "rebelde" frequentado por Alcy Xavier, Paul Garfunkel, Nilo Previdi, Fernando Velloso, Domício pedroso, Loio-Pérsio, além de outros artistas e intelectuais que iniciariam posteriormente a arte moderna no Paraná.

Na "Garaginha" os artistas se reuniam, liam revistas de arte trazidas por amigos do exterior, ouviam música, pois assim os jovens artistas tomavam conhecimento daquilo que de mais novo se fazia na arte europeia, visto que eles não queriam uma arte regional apenas, eram ousados em seus sonhos de se tornarem reconhecidos como artistas internacionais. Fernando Bini descreve um pouco de como era o ambiente na "Garaginha":

> Era um local despojado com almofadões no chão, uma coisa que não tinha na época, parece que no fim da tarde a vó de Violeta chegava lá com chá e com vinho (....) a iluminação era à luz de velas, um ambiente bem aconchegante onde se discutia arte. (ENTREVISTA, 2014).

A Garaginha teve um grande papel para a arte moderna no Paraná "é por meio dela que os artistas vão obter conhecimento das vanguardas europeias", afirma Fernando Bini (ENTREVISTA, 2014).

Alcy Xavier, pintor e frequentador da "Garaginha", ajudou Violeta Franco a criar esse espaço e diz sobre a importância desse local para os artistas:

> a importância foi o fato dela ter aglutinado os interesses dos artistas da época exatamente nas teorias modernas da pintura, na época chamada de arte moderna e havia muita reação contra, a nossa briga, a nossa luta era contra o academismo que permanecia com elementos estagnados. (ENTREVISTA, 2014).

A arte moderna rompe com a arte dos temas clássicos, o artista agora não segue um modelo pré-determinado e não reproduz a realidade. No intuito de vencer um sistema acadêmico de arte, surgem as vanguardas europeias com destaque para o Expressionismo, passando pelo Fauvismo, Cubismo, Futurismo, Abstracionismo,

Dadaísmo e Surrealismo. No Brasil, houve também reação cujo evento emblemático foi, em 1922, a I Semana Brasileira de Arte Moderna. Depois dessa semana, muitos artistas vão ao encontro dos ideais modernista como é o caso de Anita Malfatti, que devido uma crítica feita por Monteiro Lobato em relação a suas obras, muitos artistas se uniram à pintora, e juntos trabalharam para o desenvolvimento de uma arte livre. Anita polarizou a atenção dos artistas inovadores e revelou que sua arte apontava para novos caminhos e novos usos da cor.

Assim como Anita Malfatti, Violeta Franco uniu os pintores em sua "Garaginha" buscando novos caminhos para a arte no Paraná, tanto que em suas primeiras obras verificamos forte influência expressionista e cubista. Fernando Bini fala sobre o moderno nas obras de Violeta:

> Primeiro a ruptura com a semelhança, ela não se preocupa mais com a representação exata do modelo, então essa ruptura com a semelhança em direção ao que a gente chama de abstração, ela vai sofrer muita influência dos artistas derivados do cubismo que gostam muito do uso da cor. A grande questão da Violeta é a cor. Violeta é uma colorista e como colorista ela realmente é uma moderna, ela vai usar a cor livremente (..) então essa ruptura com a semelhança do modelo é que abre as portas pro moderno. (ENTREVISTA, 2014).

Um dos aspectos da arte moderna se refere à visibilidade social do pintor que depende de seu engajamento em uma vanguarda, em um movimento, o que contradiz o valor de isolamento de que é feita a essência do artista. Por isso há um recuo do público do ambiente das artes. A arte moderna aparentemente parece ter o intuito apenas de vender, mas Violeta Franco não se encaixa nesse intuito, como salienta Bini:

> Ela é uma desbravadora da arte moderna (...). A grande discussão da Violeta na pintura dela é a forma e a cor, a grande questão da Violeta é a construção formal, claro que Violeta gostaria de vender, mas não era a preocupação maior dela. (ENTREVISTA, 2014).

Samuel Franco, filho caçula da artista, revela-nos que a mãe doava seus quadros facilmente: "Ela tinha uma incapacidade de vender, se você ficasse meia hora conversando com ela e ela se encantasse com você, ela te dava um dos quadros ou gravuras." (ENTREVISTA, 2014).

Não podemos esquecer que Violeta antes de ser pintora era uma gravurista (gravura é uma forma de reproduzir imagens em relevo feita comumente em madeira ou

em metal, xilogravura). Violeta na gravura era disciplinada, mas na pintura era livre, essas duas combinações a transformaram em uma artista admirada.

Segundo Vaz (2008), em Curitiba, caso o artista queira se manter na posição de vanguarda, precisa exercer outras atividades profissionais, tanto pela necessidade financeira quanto pelas trocas simbólicas estabelecidas dentro de um espaço social. Foi o caso de Violeta, que exerceu outras atividades profissionais tais como: modelo, vitrinista e designer de moda, para se manter financeiramente.

A galerista Zilda Fraletti nos relata um pouco de como foi vender as obras de Violeta e como é vender obras de outros artistas:

> Era difícil, tem muito artista bom que é difícil vender, tem alguns que eu trabalho porque gosto, valorizo, mesmo que eu venda pouquíssimo, se fosse pensar só no dinheiro, tem artista que não teria como continuar expondo. (ENTREVISTA, 2014).

Violeta nunca foi uma artista que retratava a realidade e permanecia sempre nos mesmos moldes. Podemos dizer que as obras de Violeta possuem três fases: a primeira, do expressionismo, também influenciada pelo cubismo, como podemos ver no quadro "A avó".

Figura 1: Fotografia do quadro "A avó",1963
Óleo e colagem s/ tela
118x80 cm

Fonte: Maria Gabriela Tosin, 2014.

A segunda fase de Violeta é uma fase abstrata, uma das fases mais longas da artista, sua pintura vai em direção ao gestual e começa a ter muita cor, com texturas

densas, as telas aumentam de tamanho, os traços ficam mais marcados com o uso do preto, dando a sensação que a cor quer se expandir, mas o contorno preto as impede disso, os temas são folhagens, fragmentos vegetais, plumagens, folhas, flor, pétalas, cálices, corolas, frutos, zoomorfos. As cores se tornam luminosas e vibrantes.

Figura 2: Sem título, 1983

Fonte: Maria Gabriela Tosin a autora, 2014.

Figura 3: Sem título, 1979

Fonte: Maria Gabriela Tosin, 2014.

Fernando Bini nos fala um pouco dessa segunda fase das obras da artista:

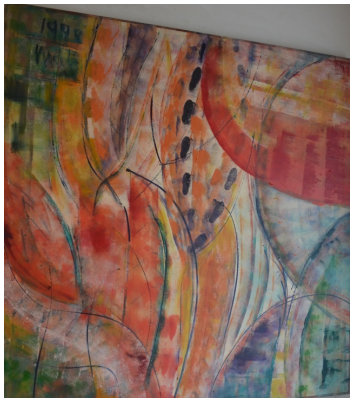
> ela vai usar cor livremente, então você vai sentir na pintura dela um pouco de vegetação, uma vez não sei onde eu li que ela tinha estado na Amazônia, e ela nunca foi pra Amazônia, o pai dela esteve lá, ele era botânico, mas ela nunca esteve lá, (...) mas o próprio sul, quer dizer, a nossa visão de mundo é ligada à paisagem, mas também você encontra ali resquícios de animais, pássaros, peixes e uma série de outros animais. (ENTREVISTA, 2014).

Alcy Xavier tem uma forma muito peculiar de definir essa fase da artista:

> Os trabalhos de Violeta refletiram um dualismo, uma contradição entre o abstracionismo que ela propunha através de folhas naturais, de folhas de plantas, de movimentação de plantas, de flores, enfim, uma temática floral ligada aos movimentos abstratos, então a preocupação dela era exatamente fundir essa movimentação esses vetores curvilíneos da abstração com as formas naturais da vegetação e na minha opinião esta fusão era contraditória, porque a obra não ficava nem num plano abstrato, nem num plano figurativo, era uma mescla, um dualismo (...). (ENTREVISTA, 2014).

Em 1990, as cores dos quadros de Violeta ficam mais suaves, mais lúcidas e transparentes, não havia mais agressividade da cor, pois Violeta reduzia com pinceladas brancas que deixam o fundo respirar e quando havia muita suavidade Violeta a reduzia com pinceladas com cores fortes, sempre mantendo uma harmonia.

Figura 5: Sem título,1998



Fonte: Maria Gabriela Tosin, 2014

E por fim podemos dizer que a artista possui uma última fase: a fase branca, em que ela começa a pintar camadas de tinta branca sobre seus antigos quadros.

A Arte contemporânea e Violeta Franco

Como a Arte Moderna a Arte contemporânea veio para transformar o mundo das artes. Cauquellin (2005) diz que como outras atividades a arte foi sacudida pelas novas comunicações, e o movimento de ruptura está relacionado à figura dos *embreante*s. Os *embreante*s são aqueles artistas que marcam com suas obras e atitudes o momento da ruptura, da transição para outro modo de significar a arte, como salienta Cauquelin (2005).

Marcel Duchamp, um *embreante*, expressa um modelo de comportamento singular que corresponde às expectativas contemporâneas, ele levou os *ready-mades* (objetos e restos de objetos casualmente escolhidos, mas não produzidos por artistas) para dentro do universo da arte, não é tanto pelo conteúdo estético de sua obra e pela maneira pela qual encarava a relação de seu trabalho com o regime da arte e sua divulgação, mas, sim, pelo abandono da estética e das vanguardas, pelo uso da linguagem e da união entre produtores, intermediários e consumidores, agora todos os papéis podem ser realizados ao mesmo tempo.

A galerista Zilda Fraletti atribui a Marcel Duchamp a responsabilidade pelas novas artes presentes nos museus:

> Hoje em dia tudo o que está acontecendo de arte contemporânea, só foi possível por causa dele, se não tivesse o Marcel Duchamp para dizer "arte é o

> que o artista diz que é arte" nós não estaríamos aceitando o que nós estamos vendo nos museus. (ENTREVISTA ,2014)

Depois de mostrar a figura dos *embreante*s, podemos dizer que Violeta foi uma *embreante* no seu tempo no estado do Paraná. Ela propôs uma ruptura entre a arte do consumo e a arte da comunicação, entre arte moderna e a arte contemporânea, ainda que no seu tempo não tenha sido compreendida suficientemente nem em suas obras e nem em seu discurso contemporâneo.

O fato de Violeta ser pioneira nessa temática tropical faz com que suas obras falem por si só, como salienta o Jornalista Aroldo Murá (1991):

> As telas de Violeta não pedem passagem, não reclamam espaço. Elas simplesmente são. E são assim mesmo, forte como o verbo: auxiliando-nos a entender a uma das dimensões que sua pintura assumiu como primeiro e inarredável compromisso, o de ficar com o ser humano, Com ela, por ela e nela a artista fala e escreve. Deixa recado. Mas, sobretudo, mostra, com tintas, como e porque não está passando de turista na vida. Escreveu, com certeza, autobiografia que é a de alguém que faz história.

Violeta exercitava a liberdade, podemos compará-la até a pintura gestual de Jackson Polock, a galerista Zilda Fraletti dá sua opinião sobre a liberdade nas telas da artista:

> Ela não tinha restrições, nos primeiros trabalhos ela estava mais contida, mas nos outros que ela produziu depois eram bem mais soltos, ela partiu para um abstrato (...) ela usava as cores com muita liberdade, eu acho que ela é muito mais solta, mais gestual, em todos os trabalhos que eu vi ela é contemporânea. (ENTREVISTA , 2014)

As obras de Violeta rompem com todas as temáticas existentes na época, apesar de deixar de lado a preocupação com a contemporaneidade dos seus trabalhos, Maria Cecília Araújo de Noronha (1995) nos diz: "A contemporaneidade nas obras de Violeta Franco é expressa por um gestual livre e aberto, que se prolonga para além do que se pode ver e as cores, pouco densas, quase etéreas, privilegiam a transparências e a luminosidade".

Violeta com sua forma solta e cheia de vida nos mostra sua contemporaneidade em cada obra, tanto seduzindo o expectador com suas cores, quanto pela sua essência.

Antes de retornar a Curitiba Violeta foi a primeira mulher a fazer uma exposição individual no MASP. Em 1970, a artista volta a sua cidade natal. Dirigiu o Centro de Pesquisas e Informações do Museu Guido Viaro, conheceu Luiza Verônica Piccoli

Lima, que foi sua estagiária na época. Luiza em uma entrevista para a revista Ideias lembra da vontade de Violeta em ensinar os outros e revela que na época o museu tinha pouca verba e que o objetivo da artista era juntar o maior número de informações sobre a arte brasileira, que ficaram a disposição do público.

Alcy Xavier nos fala a importância de Violeta para o desenvolvimento artístico:

> Eu acho que ela é uma artista que deve ser sempre lembrada e todo artista contribui para o desenvolvimento, todo artista que dedica sua vida a pintura, qualquer modalidade de arte, ele contribui para a evolução, para a permanência que é muito importante e a evolução da arte, todo artista deve ser considerado importante, e no caso de Violeta ela foi muito esforçada. (ENTREVISTA, 2014).

A palavra evolução define bem o que Violeta fez com a arte paranaense, apesar de só ter obtido reconhecimento em Curitiba pouco tempo antes de sua morte, e ser chamada de "louquinha" muitas vezes por querer revolucionar a cidade de Curitiba, a artista desde a criação da "Garaginha" evoluiu a arte.

Considerações finais

Maria Violeta Franco de Carvalho, uma menina vinda de uma importante família do Estado do Paraná que inicialmente gostava de teatro e não se interessava muito pelas artes plásticas, futuramente foi de grande importância para a arte no Paraná. Sabemos que os estados do Rio de Janeiro e São Paulo estão à frente dos outros estados do Brasil em relação à Arte, porém mostramos que o Paraná também teve grande importância na criação de uma arte brasileira de qualidade e inovadora. Esse trabalho mostrou que a artista Violeta Franco foi uma das responsáveis para que os jovens artistas tomassem conhecimento daquilo que de mais novo se fazia na arte universal e, assim, trazer a arte moderna para os museus Paranaenses.

Através do sistema de funcionamento da arte conseguimos visualizar características predominantes na arte moderna, uma arte com um aumento dos números de encarregados da "propaganda", que rompe com os rígidos princípios da arte acadêmica, livre e que aponta novos caminhos e um novo uso da cor. Foi possível também compreender essa transição de uma arte de consumo para uma arte de comunicação. A transição está relacionada à figura dos '*embreante*s'. Violeta foi uma *embreante* da arte moderna paranaense.

Violeta é uma artista que deve sempre ser lembrada com carinho, respeito e reconhecimento por todos os Paranaenses. Também devemos valorizar todos os artistas que na sua época não foram valorizados e reconhecidos, mas que foram de grande importância para a criação de um saber artístico cultural contemporâneo.

REFERÊNCIAS

BINI, Fernando. **Violeta Franco:** A "Garaginha" e a arte moderna no Paraná. Curitiba: Museu Oscar Niemeyer, 2013.

CAUQUELIN, A. **Arte contemporânea:** uma introdução. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

CUNHA, Samuel Franco de Carvalho Felix da. **Violeta Franco.** Curitiba, 2015. Digitado. Entrevista concedida a Maria Gabriela Tosin. Obra não publicada.

GOMBRICH. E. H. A. A **História da Arte.** Tradução: Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: LTC, 1995.

GONÇALVES, F. N. Comunicação, cultura e arte. **Contemporânea.** N. 8, 2007. Disponível em http://www.contemporanea.uerj.br/pdf/ed_08/01FERNANDO.pdf. Acesso em 5 fev.2015.

HAYGERT, Aroldo Murá G. **Violeta, a testemunha.** 1991. Catálogo Museu de Arte Contemporânea, Paraná, p.2, abril 1996.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ , Marli E. D. A. **Pesquisa em educação:** abordagens qualitativas. 2. ed. São Paulo: EPU, 2014.

NORONHA, Maria C. A. **A Contemporaneidade da obra de Violeta Franco**. 1995. Catálogo Museu de Arte Contemporânea, Paraná, p.3, abril.1996.

ORTE, P. de. Fale um pouco do quadro, Violeta. **Ideias**, Paraná, n. 55, p. 38-43, 2006.

PROENÇA, Graça. **História da Arte.** São Paulo: Ática, 2007.

VAZ, Adriana. O mercado de artes visuais em Curitiba. **R.cient./FAP**, Curitiba, v.3, p. 201-211, jan./dez. 2008. Disponível em http://www.fap.pr.gov.br/arquivos/File/RevistaCientifica3/20_Adriana_Vaz.pdf. Acesso em 5 fev. 2015.